ASPECTOS DO DESEVOLVIMENTO INFANTIL EM CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS

MÔNICA PUGLIESI

RESUMO

O desenvolvimento da espécie humana é o resultado de uma interação entre o programa de maturação (inscrito geneticamente) e a estimulação social e pessoal que a criança recebe das pessoas que a cuidam. Logo, entende-se que os aspectos psicológicos de desenvolvimento não estão predeterminados. mas que são adquiridos mediante a interação com o meio físico e social que envolve as crianças desde o seu nascimento. Para entender as aquisições que as crianças podem fazer no decorrer dos anos da educação infantil, convém definir como consideramos o processo de aprendizagem das crianças e, também, as relações que se pode descascar entre a aprendizagem e o desenvolvimento. No decorrer do período que vai desde o nascimento até os seis anos, ocorrem mudanças importantes e indiscutíveis, que nos permitem considerar que as crianças pequenas cada vez mais tomam parte de nossa cultura e de nossa comunidade e que, a cada dia, vão se tornando mais amadurecidas, ainda mesmo na primeira infância.

Palavras-chave: Maturação; Desenvolvimento; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Muito embora os aspectos de desenvolvimento cognitivo tenha certas singularidades, as crianças de 0 a 6 anos, ao serem matriculadas na educação infantil, demonstram um desenvolvimento diferenciado das crianças que ingressam na educação apenas após os 4 anos de idade. Isso ocorre devido as relações sociais que são estabelecidas e, também, pelas relações de interação com as diferentes culturas, hábitos e costumes, que acabam interferindo em seu processo de maturação e desenvolvimento.

Como sabemos, nessa faixa etária a criança aprende por observação e imitação, o que certamente é terreno fértil nas turmas de educação infantil. Ao estabelecer relações com os demais sujeitos da escola, professores, funcionários e crianças, a criança acaba por ampliar as experiências que manteria, estando apenas em seu ambiente familiar e com isso elas ampliam seu desenvolvendo e gradativamente, à medida que amadurecem e ampliam suas habilidades, passam a ganhar confiança para explorar o ambiente.

Outro aspecto importante na educação infantil está relacionado às questões de afetividade, fator que afeta toda a faixa etária, mesmo as crianças maiores, com 5 ou 6 anos, pois nessa fase, os vínculos dessas crianças com os familiares ainda está muito centrado na dependência em várias questões, como alimentação, vestuário, deslocamentos, entre outros. E mesmo na escola, onde a criança é estimulada a ampliar sua autonomia, ainda assim elas se mostram extremamente dependentes dos adultos.

De toda maneira, provavelmente estaremos de acordo que, no decorrer do período que vai desde o nascimento até os seis anos, ocorrem mudanças importantes e indiscutíveis, que nos permitem considerar que as crianças pequenas cada vez mais tomam parte de nossa cultura e de nossa comunidade e que, a cada dia, vão se tornando mais parecidas com as pessoas adultas.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FORMAL PARA CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS DE IDADE

As experiências vivenciadas por crianças de 0 a 6 anos na educação formal interferem significativamente em sua formação, podendo influenciar positivamente seu desenvolvimento futuramente, deixando marcas positivas que serão percebidas já na adolescência. Um dos fatores que podemos destacar é o desenvolvimento motor e a autoestima, fatores que favorecem a interação e o desempenho do sujeito em vários momentos da vida particular e escolar.

Muito embora a educação infantil tenha critérios e diretrizes estabelecidas legalmente, ainda há certa desconfiança e consideração de que, nessa fase, a criança precisa apenas de cuidados e segurança. Mesmo assim, ainda não se nota um consenso de que se deva exigir a mesma qualidade na educação infantil quanto do ensino fundamental, por exemplo. A única preocupação que aflige os pais é perceber a demora em alfabetizar a criança, isso por volta dos 5 ou 6 anos de idade. A bem da verdade, as próprias famílias costumam encarar as

"escolinhas" apenas como locais onde podem deixar os filhos durante o dia. Esse descompromisso em relação ao que se oferece às crianças pequenas não é privilégio brasileiro.

Levando em conta que é nas creches e pré-escolas que muitas crianças passam a maior parte do dia, é essencial que sejam atendidas por profissionais que lidem bem com todas as nuances da educação infantil, que saibam como estimular uma criança em determinada idade, respeitando seus limites, mais auxiliando-a a superar suas dificulda-

des. É preciso, sobretudo, chamar os pais à escola, fazê-los participar do processo, para que eduquem seus filhos com maior segurança e sintam sua responsabilidade dividida com gente que entende do riscado. Sabe-se, por exemplo, que, aos 3 anos de idade a criança já tenta comer e se vestir sem ajuda, pode cooperar em algumas tarefas, como guardar seus brinquedos e escolher as roupas que irá vestir. Aos 4 anos de idade a criança demonstra interesse em interagir e socializar-se e aos 5 anos pode assumir responsabilidades como separar o material da escola, pegar seu uniforme e preparar sua mochila. Nessa idade a criança costuma se voluntaria para ajudar nos serviços da casa ou secretariar a professor. Então, porque não permitir que ela tire o pó, recolha os calçados, coloque as roupas sujas no cesto, Aos seis anos de idade, uma criança com sua autonomia apropriada, pode ajudar a cuidar das crianças menores nos brinquedos do parque, na fila para o lanche, ajuda a contar histórias e ensina-a as cantigas infantis. Em resumo, o que se espera de uma instituição de educação infantil é que, através das brincadeiras e situações do cotidiano, a criança seja estimulada à desenvolverse e conquistar sua autonomia progressivamente, assim como aprimorar o desenvolvimento da capacidade de comunicação e de socialização com os colegas e adultos. É a fase certa para incentivar autoconfiança e criatividade, e passar uma noção de limites e respeito ao próximo. É a hora de ensinar-lhe *a* ajudar, cooperar e participar de um grupo. É o momento adequado para que aprenda a respeitar o meio-ambiente, através de regras bem simples como não maltratar animais, ou sempre jogar papéis usados na cesta de lixo.

DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE 0 A 6 ANOS

Para poder avançar na explicação de uma determinada maneira de entender o desenvolvimento, convém esclarecer alguns conceitos que utilizamos seguidamente e que, às vezes, podem gerar confusões, se não forem utilizados da maneira como o leitor ou a leitora foi avisado para fazê-lo. São destacados três conceitos muito relacionados: maturação, desenvolvimento e aprendizagem.

Quando se fala de maturação, refere-se às mudanças que ocorrem ao longo da evolução dos indivíduos, as quais se fundamentam na variação da estrutura e da função das células. Assim, pode-se falar, por exemplo, de maturação do sistema nervoso central, mediante a qual são criadas as condições para que haja mais e melhores conexões nervosas que permitam uma resposta mais adaptada às necessidades crescentes do indivíduo. A maturação está estritamente ligada ao crescimento (que corresponderia basicamente às mudanças quantitativas: alongamento dos ossos, aumento de peso corporal, etc.) e, portanto. aos aspectos biológicos, físicos, evolutivos das pessoas. (Le Bouch, 1988).

Quando se trata de desenvolvimento, nos referimos à formação progressiva das funções propriamente humanas (linguagem, raciocínio, memória, atenção, estima). Trata-se do processo mediante o qual se põem em andamento as potencialidades dos seres humanos. Consideramos que é um processo interminável, no qual se produz uma série de saltos qualitativos que levam de um estado de menos capacidade (mais dependência de outras pessoas, menos possibilidades de respostas, etc.) para um de maior capacidade (mais autonomia. mais possibilidades de resolução de problemas de diferentes tipos, mais capacidade de criar, etc.). Finalmente, tem-se o objetivo de destacar as características do conceito de aprendizagem. Mediante os processos de aprendizagem, incorporamos novos conhecimentos, valores, habilidades que são próprias da cultura e da sociedade em que vivemos. (GALLAHUE & OZMUN, 2005)

As aprendizagens que incorporamos fazem pessoas mudarem de condutas, de maneiras de agir, de maneiras de responder, e são produto da educação que outros indivíduos, da nossa sociedade, planejaram e organizaram, ou melhor, do contato menos planificado, não tão direto com as pessoas com quem nos relacionarmos (PIAGET, 1976). A partir dessas definições é possível compreender como se desenvolvem as crianças nessa faixa etária, considerando-se a importância da escola na potencialização desse processo de desenvolvimento.

De zero a seis anos, ocorre um processo de complexidade do ser humano que não se repetirá durante seu desenvolvimento. As crianças, quando nascem, necessitam de cuidados mínimos e de atenção não muito complexa (comer e dormir certas horas e receber atenção às demandas a que o recém-nascido começa a fazer). À medida que vão crescendo, aumenta a complexidade de suas demandas (choram porque têm vontade ou mal-estar, ou não querem estar sozinhas, ou querem estar com uma outra pessoa, etc.) e aumenta sua capacidade de resposta (começam a ter critérios próprios em alguns aspectos e, portanto, mediante o uso de linguagem podem pedir o que querem). Também se tornam mais complexas as realidades em que vivem essas crianças: passam do âmbito relacional reduzido ao estabelecimento de relações com pessoas mais alheias e desconhecidas, a ter necessidade de valer-se por si mesmas, de garantir-se sem a presença constante das pessoas mais próximas.

A complexidade é consubstancial ao processo de desenvolvimento dos seres humanos. Esse desenvolvimento é caracterizado pelo seu caráter único com relação às outras espécies vivas: o ser humano é o único ser vivo que pode planejar sua ação, pôr em andamento uma atividade psíquica que lhe

permita realizar ações criadoras. Também é necessário destacar que a diversidade é uma característica do ser humano, pois todas as pessoas são diferentes em suas particularidades físicas e psíquicas: cada uma recebe, por meio de herança, determinadas características físicas e determinadas potencialidades, que se desenvolvem em um determinado ambiente. Tudo isso exige-nos a necessidade de falar simultaneamente das características de unicidade e de diversidade do ser humano.

A INFORMAÇÃO GENÉTICA E O ESTÍMULO EXTERNO NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Nosso código genético contém uma informação que denominamos de calendário de maturação. Com esse conceito, pode-se referir a uma série de informações geneticamente estabelecidas por meio das quais se sabe que os seres humanos passam por uma sequência de desenvolvimento que sempre é igual para todos (caminhar aproximadamente ao final do primeiro ano de vida, falar aos dois anos, etc.) e que, em seus traços característicos básicos, não se realizam com grandes variações (por exemplo, uma criança não poderá caminhar aos seis meses, porque nessa idade ainda não tem um desenvolvimento motor que lhe permite fazê-la; consegue somente permanecer sentada). Essa sequência determina que coisas são possíveis em diferentes momentos. Esse calendário de maturação é especialmente indicativo das possibilidades e da sequência de desenvolvimento nos dois primeiros anos de vida, já que está muito relacionado a uma maturação neurológica essencial. Depois disso, as aquisições estarão marcadas por outros aspectos, como a estimulação e a ajuda recebidas do exterior.

A compreensão da influência hereditária no desenvolvimento do ser humano está bem esclarecida na diferenciação, apresentada por F. Jacob e registrada em Palácios (1979), entre a parte aberta e a parte fechada do código genético. A parte fechada do código genético é aquela que impõe uma determinada informação genética que será necessariamente cumprida. Trata-se da informação genética que estabelece um ciclo de vida determinado para os seres humanos, alguns reflexos no momento do nascimento, algumas características genéticas determinadas. A parte aberta do código genético, ao contrário, estabelece um conjunto de potencialidades que não se desenvolvem totalmente sem influência do meio, sem a estimulação das pessoas com as quais convivem. Trata-se, por exemplo, das possibilidades de utilização da linguagem, das capacidades de estabelecimento de vínculos emocionais e da resolução de problemas.

Em cada uma dessas funções e capacidades, há um predomínio específico da parte aberta ou da parte fechada do código genético. Assim, é esse grau de predominância do código que explica as diferenças entre umas e outras capacidades infantis. Por exemplo, podemos constatar que, em relação ao desenvolvimento das capacidades motrizes, todos as crianças conseguem caminhar concretamente por volta do primeiro ano, sem necessidade de que se faça uma estimulação específica nesse sentido, uma vez que essas capacidades estão fortemente moduladas pela parte fechada do código genético. Por outro lado, é difícil que todas as crianças consigam um desenvolvimento da linguagem em toda a sua amplitude sem estimulação do meio que permite a sua utilização em todas as suas funções e usos, já que a linguagem está regulada pela parte aberta do código genético. Assim, constata-se que a herança recebida nos dá uma série de possibilidades e indica-nos em que momento aproximado estará disponível. O grau de aquisição e as características de tal aquisição dependerão das inter-relações que a criança faz em experimentações com as pessoas de seu convívio. Podemos destacar que. no decorrer do primeiro ano, os bebês têm a capacidade de começar a estabelecer fortes vínculos com as pessoas que os cuidam. O fato de estabelecerem ou não esses vínculos, que lhes proporcionam segurança ou que constituem vínculos instáveis e inseguros, dependerá das características das relações que o bebê vai tecendo durante seu primeiro ano de vida.

Nessa idade, sobretudo na fase da creche, considera-se, muitas vezes, que as crianças não podem aprender se não tiverem desenvolvido previamente algumas características consideradas imprescindíveis. Um dos exemplos mais típicos e conhecidos nas escolas é o fato de dizer que para crianças de quatro ou cinco anos não se pode ensinar os numerais, porque elas não têm a noção e o conceito de número corretamente estabelecido. Isso ilustra claramente a tendência em subordinar a aprendizagem ao desenvolvimento, no sentido de entender que primeiro se desenvolve uma série de capacidades cognitivas e depois se pode iniciar o ensino de conceitos que envolvam tais capacidades.

O fato de que a escola estabelece esse tipo de decisões está diretamente relacionado com o que a psicologia diz em relação a esses aspectos. Nesse sentido, destacamos que algumas das abordagens fundamentais feitas pela psicologia 9 genética de Jean Piaget estão rigidamente aplicadas na escola e, então, ocorrem comportamentos práticos educativos discutíveis como promotores de uma. boa aprendizagem. (GARDNER, 1995)

OS SABERES SOCIAIS E CULTURAIS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO

A perspectiva que Vygotsky (1984) abordou em relação à aprendizagem escolar é fundamental para que se possa raciocinar e

entender qual é a natureza da aprendizagem e do ensino escolar e sobre que relações seria conveniente estabelecer o desenvolvimento da criança. Segundo o psicólogo russo, para que possa haver desenvolvimento é necessário que se produza uma série de aprendizagens, as quais, de certo modo, são condições prévias. Assim, voltando ao exemplo que apresentamos antes, é necessária uma série de aprendizagens em relação a situações de contar, de lembrar, recordar a seriação numérica, experiências contatos com coisas possíveis de contar e outras incontáveis. etc., para a criança poder chegar a conceitualizar a noção de um nome, como a inclusão de todos os outros (o cinco incluiu o quatro, o três. o dois, o um), independentemente de questões perspectivas (a disposição espacial dos objetos não influencia a quantidade).

A partir disso, entende-se que a maturação por si só não seria capaz de produzir as funções psicológicas próprias dos seres humanos: é a aprendizagem na interação com outras pessoas que nos dá a possibilidade de avançar em nosso desenvolvimento psicológico. Esses processos de interação com outras pessoas permitem o estabelecimento das funções psicológicas superiores. Assim, as crianças, começam a utilizar a linguagem como um veículo de comunicação, controle e regulação das ações das outras pessoas, e somente depois de tê-la utilizado interagindo com as outras pessoas é que a linguagem se converte em um instrumento idôneo para planejar a ação, ou melhor, a linguagem transforma-se em pensamento. Começamos, então, a delinear a importância fundamental que têm as pessoas mais capazes da espécie no processo de desenvolvimento das crianças e, as mães. os pais, os professores de educação infantil e as crianças mais velhas. (LE BOUCH, 1988)

Aquilo que a criança pequena já é capaz de fazer sozinha no mesmo momento pode ser considerado o nível de desenvolvimento efetivo. Aquilo que a criança pequena sabe trazer com a ajuda de outras pessoas mais capazes e não sozinha, Vygotsky (1996) destaca que acontece porque algumas funções não estão totalmente desenvolvidas, mas estão em desenvolvimento; portanto, a aprendizagem que a criança pequena faz, praticando esses aspectos juntamente com uma pessoa mais capaz, é o que lhe permitirá chegar a desenvolver algumas capacidades pessoais que poderá exercer sozinha mais adiante. Nesses conceitos vygotskyanos encontramos uma definição satisfatória referente às relações entre aprendizagem e desenvolvimento. Pode-se destacar que a aprendizagem facilita e promove o desenvolvimento através da criação de zonas de desenvolvimento potencial, as quais, segundo o que já mencionamos, podemos definir como a "distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível de desenvolvimento potencial determinado através da resolução de um problema sob a orientação de uma pessoa adulta ou com a colaboração de um companheiro mais capaz" (Vygotsky, citado por Riviere, 1981).

Atuando com outra pessoa a criança interiorizar a ajuda proporcionada, incorporando, assim, aos seus conhecimentos e às suas ações novas dimensões que a farão mais funcional, mais complexa e mais capaz de resolver problemas. Finalmente, podemos destacar que, no processo de ajuda, de cuidado dedicado a uma criança pequena, os educadores e os pais atuam de uma maneira ou outra, conforme entendem implicitamente que seja seu papel no processo de estimulação dessa criança: para que ela desenvolva suas aptidões e até possa antecipar suas capacidades, a partir de um processo de observação constante dos aspectos que esteja incorporando, para conseguir melhorar essas suas capacidades.

Nessa atuação conjunta, pais e educadores ajudam a criança pequena em seu avanço pessoal. Todos esses aspectos estão integrando concepção construtivista do desenvolvimento e da aprendizagem e, a partir dessa perspectiva, entende-se que o desenvolvimento não surge do nada. Mas é uma construção sobre a base de desenvolvimento que existe previamente, sendo uma construção que exige o envolvimento tanto do menino ou da menina como daqueles que se inter-relacionam com ele ou ela, tratando-se de processos modulados pelo contexto cultural em que vivem. É necessário destacar que, nos últimos anos. tem havido entre os investigadores e estudiosos da psicologia evolutiva e da educação, em nosso contexto cultural, o que poderíamos nomear de um certo "acordo construtivista", já que seus fundamentos teóricos sustentam várias explicações dadas sobre o desenvolvimento do ser humano.

O currículo proporciona informações referentes a que, quando e como ensinar e avaliar. É necessário revisar alguns aspectos importantes pelo modo como se relacionam a cada uma dessas questões. No decorrer da etapa da educação infantil, há uma série de saberes culturais que devem ser conhecidos e de aspectos que ajudam a desenvolvê-los. Quando se fala de tudo isso, referese aos conteúdos educativos. Eles têm sido uma fonte de mal-entendidos em educação e, sobretudo, em educação infantil. Julgava-se que falar de aprendizagem de conteúdos nessa etapa, necessariamente, queria dizer não considerar as particularidades da etapa e "escolarizar" (no mau sentido da palavra) a creche e a pré-escola. No auge da reforma educativa, dá-se muita importância aos conteúdos, porque é o que se aprende, sobre o que atua a atividade auto estruturante das crianças: é a partir dos conteúdos que somos capazes de desenvolver as nossas capacidades e converter-nos, gradativamente, em pessoas com mais recursos, com uma inteligência que nos

permite o confronto com outras situações, etc. Por exemplo, para que a criança construa a sua noção de identidade – conteúdo conceitual – é preciso fazer diferentes atividades que lhe permitam diferenciar-se de outras pessoas: aprender o seu nome e os dos outros membros da família, saber que é um menino ou uma menina, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conteúdos, objetos de aprendizagem, ordenam-se e organizam-se em torno das áreas curriculares que, na educação infantil, são âmbitos de experiência muito próxima da criança, cerca da descoberta de si mesma, do meio social e natural, das intercomunicação e as linguagens. O conceito de conteúdo é entendido de maneira mais ampla do que anteriormente; em geral. têm-se identificado conteúdo com dados ou conceitos que a criança precisa aprender. Atualmente, identificamos como conteúdos de aprendizagem todos os aspectos que as crianças precisam conhecer, saber fazer, ou melhor, saber como se comportar. Assim, fala-se de três tipos de conteúdo: conceituais, procedimentais e atitudinais. É preciso destacar que essa é uma terminologia muito útil para o ensino fundamental e interessante para a educação infantil . Às vezes, porém. apresenta algumas dificuldades nos conteúdos trabalhados na creche e na préescola. Em termos gerais, para todo o sistema educativo, tem a vantagem de permitir ir mais além na polêmica de "se a escola deve ensinar conceitos ou incidir nos processos de aprendizagem". Conhecer a existência de coisas, poder dizer características e estabelecer relações. implica aprender fatos e conceitos.

Na creche e na pré-escola. existem basicamente fatos: as cores, nome da criança, as partes do seu corpo, saber que se podem conseguir coisas através da linguagem. conhecer o nome das coisas e alguns conceitos iniciais: os conceitos que elabora em torno do que é um animal, a escola, a noite, a televisão; uma representação que o menino ou a menina faz da realidade a partir de cenas e planuras vividas – sempre que signifiquem a representação do que se apresenta – que lhe permitam antecipar e prever.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

EDWARDS,C. As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FARIA, A.L. et all. Educação Infantil Pós-LDB: rumos e desafios. São Paulo:

Autores Associados, 1999.

FREINET,C. A pedagogia do bom senso. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

GALVÃO, H. Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil.

Petrópolis: Vozes. 2.ª ed., 1995.

GARCIA, R.L. Em defesa da educação infantil. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GARDNER, H. A criança pré-escolar: como pensa e como a escola pode ensinála. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LAROSSA, J. O enigma da infância: ou o que vai do impossível ao verdadeiro.

In Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas. Porto Alegre: Contra Bando, 1998.

PINTO, M. et all. As crianças: contextos e identidades. Portugal: Universidade do Minho – Centro de Estudos da Criança,1997.

ROSEMBERG, F. et all. Creches e pré-escolas no hemisfério norte. São Paulo: Cortez -FCC,1994.

VYGOTSKY, L. A formação social da mente : o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZABALZA, M. Qualidade em educação infantil. Porto Alegre: Artes Médicas,

1998